

MICROSCÓPIO

1.9.46 Raul Pila.

Pretende-se, segundo foi noticiado, unificar, mais uma vez, os riograndenses do Sul, para defender os interesses e preservar o prestígio do Estado na política nacional. E invocam-se, para tanto, dois precedentes: o de 1929, em que todos os riograndenses se reuniram em torno da candidatura do sr. Getúlio Vargas; o de 1936, o "modus-vivendi", que levou a oposição a participar, por alguns meses, do governo do Estado.

Se a questão é de precedentes, não os poderia haver mais desastrosos. Ninguém ignora, infelizmente, os funestos resultados da campanha liberal e da revolução de outubro. Sob o signo do Rio Grande, arruinaram e escravizaram o Brasil. Demais, preciso é acentuar não ter sido o sentimento regionalista o que levou a oposição a apoiar o nome do sr. Getúlio Vargas, mas a esperança que a sua candidatura abrisse novos rumos à prática do regime democrático. Fosse o então presidente do Estado candidato imposto pelo sr. Washington Luiz, em vez de oposto à candidatura oficial, e o Partido Libertador o teria combatido estreneamente, em vez de lhe haver dado o apoio do seu voto e do seu braço. Não houve, pois, eiva de regionalismo naquele estúpido e tão malogrado movimento cívico. O acordo de 1936, por sua vez, era regional, mas não regionalista. Se houvera sido cumprido, teria talvez evitado o golpe de 1937. Mas não o foi, nem pôde manter-se mais de nove meses.

Todos os riograndenses amamos com extremos o torrão natal, mas pueril seria pretender suscitar este nobre sentimento contra os ditames da razão, da justiça e do patriotismo.

Em 1930, levantou-se o Rio Grande como campeão da libertação nacional. Falhou miseravelmente. A sua reabilitação só pode estar, agora, no sincero reconhecimento dos seus erros e na firme decisão de os resgatar. Querem unir todos os riograndenses? Muito bem: comecem por regenerar-se.